

# REVISTA DE ECONOMIA & RELAÇÕES INTERNACIONAIS

---

volume 8 / número 16/ janeiro 2010  
ISSN 1677-4973



**FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO**

Rua Alagoas, 903 - Higienópolis  
São Paulo, SP - Brasil

Revista de Economia e Relações Internacionais / Faculdade de Economia  
da Fundação Armando Alvares Penteado.  
- Vol. 8, n. 16 (2010) - São Paulo: FEC-FAAP, 2007

Semestral

1. Economia / Relações Internacionais - Periódicos. I. Fundação  
Armando Alvares Penteado. Faculdade de Economia.

# REVISTA DE ECONOMIA & RELAÇÕES INTERNACIONAIS

---

volume 8 / número 16 / janeiro 2010

## *Sumário*

---

- La diplomacia: de la Edad Moderna a nuestros días** 5  
*João Francisco Cortes Bustamante*
- Dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 à Olimpíada Rio 2016: a construção de um conceito de legado dos megaeventos esportivos no Brasil** 19  
*Anderson Gurgel*
- Reflexões sobre a atual política externa brasileira** 37  
*Georges D. Landau*
- As lições da Grande Depressão foram aprendidas; e as lições japonesas?** 53  
*José Pedro de Oliveira Monforte*
- A política externa do governo José Sarney (1985-1990)** 67  
*Débora Figueiredo Barros do Prado e Shiguenoli Miyamoto*
- Regime de metas de inflação: uma revisão da literatura** 81  
*Luíza Betina Petroll Rodrigues*
- Privatização da força – O poder das empresas militares privadas durante a campanha do Iraque** 104  
*Diego Santos Vieira de Jesus, Emir Hamam de Figueiredo e Tiago Nogueira Pimenta dos Reis*
- Uma proposta para a criação de um sistema único de Previdência Social para o Brasil** 126  
*Hélio Zylberstajn, Eduardo Zylberstajn, Luiz Eduardo Afonso e André Portela Souza*

# Dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 à Olimpíada Rio 2016: a construção de um conceito de legado dos megaeventos esportivos no Brasil

---

*Anderson Gurgel* \*

**Resumo:** Este artigo faz um balanço do legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, a partir dos resultados oficiais do evento, divulgados pelo Ministério do Esporte, e também por meio de análise de reportagens que apresentam o evento como atividade de impacto econômico. A intenção é contribuir para o entendimento dos impactos econômicos gerados pelos megaeventos esportivos no país, analisando o legado deixado por esses eventos nos locais onde se realizam. A partir desse material, vamos fazer algumas inferências sobre os resultados desse evento e as contribuições para a discussão de um possível legado olímpico para a cidade do Rio de Janeiro e para o país, com a realização das Olimpíadas de 2016, que pela primeira vez ocorrerão em uma cidade brasileira.

**Palavras-chave:** Legado do esporte; Megaeventos esportivos; Rio 2007; Rio 2016; Cobertura jornalística.

## 1. A década esportiva

A revelação da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI), em outubro de 2009, foi um importante fato histórico, esportivo, econômico, comunicacional e social. Alinhado com o bom momento na economia e nas relações internacionais, itens importantes do período em questão, esse resultado revalidou a percepção de que o Brasil teria uma grande oportunidade de viver uma “década de ouro”, no que se referia à economia do esporte e ao crescimento social por meio do esporte, especificamente. Além disso, a notícia, festejada por grande parcela

---

\* **Anderson Gurgel** é jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e pesquisador das relações entre o jornalismo e a economia do esporte. É autor do livro *Futebol S/A: A Economia em Campo*, lançado em 2006, e coordenador dos cursos de Jornalismo e Rádio e TV da Universidade de Santo Amaro (Unisa), de São Paulo. E-mail: <andersongurgel@uol.com.br>.

dos governantes e da população, também marcou uma chance para desenvolver políticas esportivas, públicas e privadas, como agentes atuantes na promoção do desenvolvimento nacional. É justamente nessa perspectiva que este artigo é apresentado.

A intenção é entender os impactos econômicos gerados pelos megaeventos esportivos no país e, com isso, analisar o legado deixado por eventos nos locais onde se realizaram. Para isso, vamos fazer um balanço dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, principalmente a partir da cobertura jornalística dos aspectos econômicos e dos resultados oficiais desse evento, notadamente a partir do relatório oficial *Impacto Socioeconômico dos Jogos Pan-Americanos*, produzido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe, 2008)<sup>1</sup> juntamente com a Fundação Instituto de Administração (FIA), ambas ligadas à Universidade de São Paulo. A partir desse material, vamos fazer algumas inferências sobre os resultados desse evento e as contribuições para a discussão de um possível legado olímpico para a cidade do Rio de Janeiro e para o país, com a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Para dar conta dessa ponte entre os dois eventos, além da análise de reportagens que fazem a aproximação dos dois eventos, distantes uma década no tempo, mas aproximados pela cobertura dos veículos de comunicação, contaremos com outro relatório. Trata-se de um documento produzido pela Fundação Instituto de Administração (FIA, 2009), *Estudo dos Impactos Socioeconômicos Potenciais da Realização dos Jogos Olímpicos na Cidade do Rio de Janeiro em 2016*, divulgado em 2009, pouco antes da definição da cidade-sede olímpica<sup>2</sup>.

A ideia de uma década excepcional, “de ouro”, vem da delimitação de tempo a partir do período iniciado em 2007, com a realização dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro e a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, e vai até o ano de 2016, quando a cidade carioca sediará uma edição dos Jogos Olímpicos. São dez anos e bilhões de reais em investimentos que precisam gerar empregos, oportunidades, inclusão social e promover a qualidade de vida para cariocas e brasileiros em geral. Como o Mundial de futebol segue uma dinâmica distinta dos eventos olímpicos, pois é um evento com várias sedes espalhadas pelo país, vamos excluí-lo desta análise, mantendo o foco nos eventos realizados na capital fluminense. Nesse contexto entendemos os Jogos Pan-Americanos como um tipo de “Olimpíada regional”, o que permite fazer a aproximação dos estudos, aqui proposta.

Quando se fala dos resultados que podem ser colhidos nessa década que vem sendo construída desde 2007, fala-se na prática do que se chama de legado dos megaeventos esportivos. Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 deixaram muito a desejar nos quesitos planejamento, gestão de recursos públicos, prazos e benefícios efetivos para a população local. Entretanto seria injusto não perceber que muitos

---

<sup>1</sup> Este relatório foi produzido em 2008, mas sofreu atualização em meados de 2009, quando foi novamente divulgado na mídia pelo Ministério do Esporte. Veja: <<http://services.maxpressnet.com.br/noticia-boxsa.asp?TIPO=PA&SQINF=376724>>. Acesso em: 14 nov 09.

<sup>2</sup> Este relatório foi divulgado pela FIA em 25 de setembro de 2009. Veja: <<http://g1.globo.com/Noticias/rio/,,mul1319054-5606,00-estudo+mostra+impacto+das+olimpiadas+na+economia+brasileira.html>>. Acesso em: 14 nov 09.

pontos positivos surgiram da realização da competição pan-americana, na versão carioca. A começar pelo fato de que o Rio de Janeiro só se tornou uma alternativa olímpica real após esse evento.

Segundo Bitencourt (*apud* DACOSTA *et al.*, 2008: 235-6), em um artigo que analisa uma pesquisa com pesquisadores e estudantes, o legado do Pan Rio 2007 tem aspectos positivos e negativos, a saber:

“Pontos positivos: **1.** Infraestrutura adaptada para a realização simultânea do Parapan; **2.** Cobertura da mídia; **3.** Apoio da população; **4.** Campanha da TV Globo direcionada ao estímulo do esporte com responsabilidade social utilizando atletas de ponta; **5.** Envolvimento governamental em prol do evento. (Já sobre...) Pontos que merecem considerações para futuras realizações: **1.** Obras planejadas e não cumpridas (...); **2.** Alguns estádios vazios e não liberação de ingressos para a população; **3.** Cerimônia de abertura – desrespeito ao Presidente da República (...); **4.** Sistema de Doping – escândalo envolvendo a atleta Rebeca Gusmão (...); **5.** Subutilização da internet e dificuldade de comunicação com a organização do evento através do site oficial (...); **6.** Alteração da programação das competições sem aviso prévio.”

Vamos agora tentar entender mais aprofundadamente como se deram essas dinâmicas econômicas e simbólicas.

## 2. Conceituações

Para dar conta da proposta deste artigo, precisamos fazer algumas conceituações. Inicialmente, é importante lembrar que a segunda metade do século XX marcou de maneira definitiva a diferença entre o conceito de jogo e de esporte, principalmente o das práticas esportivas de alto rendimento e vocacionadas ao espetáculo. Com o fortalecimento das mídias eletrônicas, a partir da expansão tecnológica, o desporto de competição alcançou novos patamares como cultura e como economia: ganhou importância a escalada dos negócios do esporte até o topo das atividades econômicas em evidência na sociedade globalizada, que tem entre suas características o fato de ser centrada no conhecimento, na inovação, no espetáculo e, não menos importante, no entretenimento e no prazer.

Há muitos estudos que abordam o crescimento da economia do esporte no mundo e no Brasil. Em particular, o de GURGEL (2006), onde se mostra a expansão dos interesses econômicos no mundo esportivo, notadamente no futebol. Outros estudos que mostram a importância econômica do esporte são de Kasznar e Graça Filho (2002) e o de Bourg e Gouguet (2005). Cientes de que o esporte movimenta cifras bilionárias em todo o mundo e que o PIB do esporte no Brasil é de cerca de 2% do PIB nacional – e com tendência de crescimento –, vamos avançar na busca de alguns conceitos fundamentais para este trabalho.

De pronto já indicamos que é fundamental saber que existe – e cada vez mais se consolida – uma economia do esporte. Há alguns pesquisadores que se

dedicam a esse tema: um deles é o alemão Klaus Heinemann (2001)<sup>3</sup>, que fez um amplo estudo sobre o impacto econômico dos Jogos Olímpicos de Barcelona, realizados em 1992, como forma de levantar seu conceito. Pela aproximação olímpica que há com os objetos deste artigo, destacamos que, segundo ele,

“Pode-se distinguir dois tipos de atividades esportivas relevantes economicamente (...). Uma delas é a prática esportiva da população com os seus interesses pelo assunto e os efeitos econômicos que derivam dessas atividades (...). Um segundo grupo de repercussões econômicas do esporte é o dos grandes eventos esportivos. (...) A diferença desse grupo com o primeiro é que nele estão as atividades limitadas no tempo e que têm resultados distintos a cada região geográfica, com ênfase maior ao impacto onde se dá o evento em questão.”

O pesquisador alemão pontua, ainda, que é possível distinguir dois tipos de atividades esportivas relevantes economicamente: a prática esportiva da população com os seus interesses e efeitos econômicos e, também, um segundo grupo, o dos grandes eventos esportivos. Nos dois casos, são analisados valor econômico de oferta e demanda, balança comercial do esporte; o mercado de trabalho relacionado e, por fim, os efeitos externos ou indiretos<sup>4</sup>. De maneira geral, cabe frisar que os estudos dos impactos econômicos do esporte são uma preocupação que cresce junto com a evolução dos esportes como espetáculo e negócio<sup>5</sup>.

Outro ponto estratégico para este trabalho é uma reflexão sobre conceito de legado dos megaeventos esportivos. Esse conceito está diretamente associado à percepção midiática que se cria desses (tele)espetáculos esportivos e, por consequência, da percepção dos conceitos de impacto econômico do esporte. O legado do esporte relaciona-se com os impactos, materiais ou imateriais, gerados em diversas áreas da sociedade e do conhecimento pelos grandes eventos esportivos<sup>6</sup>.

O termo surge de uma generalização de um conceito anterior, o chamado “Legado Olímpico”, que se refere, segundo o *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte* (2007: 658), ao conjunto de benefícios culturais, estruturais, educacionais, sociais e esportivos que ficam efetivados e ativados depois da celebração desses jogos, nas cidades e nos países onde se desenvolvem os Jogos Olímpicos. Com a crescente espetacularização dos grandes eventos esportivos na e pela mídia – notadamente Olimpíadas e Copas do Mundo –, ocorre uma popularização do termo “legado do esporte”.

---

<sup>3</sup> Veja: HEINEMANN, K. *Revista Digital Fdeportes*, ano 7, n.º 43, Buenos Aires, dez 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd43/econom.htm>>. Acesso em: 10 nov 09.

<sup>4</sup> No artigo de Heinemann, já citado, ele aprofunda cada um dos conceitos econômicos apresentados aqui.

<sup>5</sup> Heinemann amplia essa discussão em uma obra intitulada *Introducción a La Economía del Deporte* (1998).

<sup>6</sup> Uma obra de referência sobre esse assunto é *Legado dos Megaeventos Esportivos* (2008), produzida por um grupo de pesquisadores, com financiamento do Ministério do Esporte e da Confederação Nacional da Educação Física (Confef). A obra pode ser acessada e baixada para consulta no site: <[www.confef.org.br](http://www.confef.org.br)>.

De certa forma, o espetáculo da realização de grandes eventos esportivos já se inicia na disputa entre cidades e países pelo direito de ser a sede desses eventos, como pode ser percebido pela cobertura das campanhas à cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2012 e, em nível ainda mais dramático, no caso da disputa pelos Jogos de 2016. Há consenso entre pesquisadores que os megaeventos esportivos estão cada vez mais focados no legado não-esportivo como forma de avaliação das estratégias adotadas e dos resultados obtidos (POYNTER, *apud* DACOSTA *et al.*, 2008, p. 129), como podemos verificar na Tabela 1.

**Tabela 1 – A matriz do legado**

<b>CURTO PRAZO: VISÍVEL O EVENTO</b>	<b>LONGO PRAZO: VISÍVEL O LEGADO</b>
<p>Sucesso esportivo Desenvolvimento comunitário Emprego olímpico Pré-eventos</p> <p>Receitas do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos (Cojo) / Direitos de mídia / Merchandising / Marketing / Patrocínios Venda de ingressos / Loterias / Doações / Lucros em aplicações / Subsídios públicos e taxas / Transportes e alugueis e receitas / Uso da Vila Olímpica Despesas do cojo / Construções temporárias / Novas construções e remoções / Eventos de cerimônias / Segurança / Seguros / Administração e relações públicas / Voluntariado / Saúde / Custos médicos / Eventos de teste / Acomodações / Mídia e tecnologia da informação</p>	<p>Legado esportivo Regeneração comunitária Emprego não-olímpico Habilitações adicionais Lazer e instalações esportivas Espaços de convenções, exibições e escritórios Infraestrutura de telecomunicações Infraestrutura de transporte Meio ambiente (parques, espaços, água, ar e ecologia) Turismo Serviços públicos, como educação e saúde Mercado de trabalho, com especialização de conhecimentos Organização de voluntários Aumento do custo de vida (variação percentual do índice na cidade-sede em comparação com outras cidades)</p>
<b>INVISÍVEL NO CURTO PRAZO</b>	<b>INVISÍVEL NO LONGO PRAZO</b>
<p>Marca / Imagem-cidade / Região Abordagem “poder fazer” e “não poder fazer” / Mensagem “política” / “Deslocamento dos recursos destinados a outros usos” / “Deslocamento de outros recursos em demanda – ‘troca de gastos’”</p>	<p>Desaparecimento de empregos relacionados aos Jogos / Conhecimento das habilidades retidas / “Ethos (valores) de voluntários mantidos” / Orgulho nacional / Imagem / Marca / “Efeitos de deslocamento estruturais”</p>

Fonte: Poynter (2008, *apud* DACOSTA *et al.*, 2008, p. 141), com algumas modificações formais, sem alteração no sentido.



Ainda sobre o assunto, revela Poynter, citando o pesquisador Preuss<sup>7</sup>, em um estudo do London East Research Institute<sup>8</sup> de março de 2006 (p. 13-14), esse

“conceito de ‘legado’ decorrente de importantes megaeventos esportivos está agora firmemente focado em resultados não esportivos como importante fonte de legitimidade para receber os Jogos (...) as cidades proponentes têm aliado suas propostas a estratégias de desenvolvimento econômico e regeneração que tendem a refletir a natureza relativamente dinâmica de suas economias regionais e nacionais (Seul, Pequim) ou a relativa falta de dinamismo de suas economias (Barcelona, Atlanta, Sydney, Atenas e Londres). Este último grupo composto na maioria por cidades ‘ocidentais’ que utilizaram a candidatura como uma tentativa de ‘catalisar’ a regeneração local através da expansão de serviços com base em indústrias voltadas ao consumo (...) desde os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona, cidades têm usado os Jogos como catalisadores de regeneração e confiado fortemente em diferentes formas de intervenções estatais para se promoverem como cidades globais (...)”.

Os legados do esporte, a partir de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisas e Estudos Olímpicos da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro (DACOSTA *et al.*, 2008, p. 48-50), podem ser entendidos a partir das seguintes categorias: **1.** Legado do evento em si, que envolve a construção de estádios, arenas e equipamentos esportivos, entre outros. **2.** Legado da candidatura do evento, que se relaciona com o aprendizado do processo de candidatura, desenvolvimento de projeto, planejamento urbanístico da cidade-candidata e outras estratégias percebidas para a melhoria da cidade-candidata (mesmo que o evento não seja realizado naquele local). **3.** Legado da imagem da cidade candidata e do país, que envolve a percepção mundial sobre o local de recepção dos jogos, além de desenvolvimento de políticas para a promoção do turismo e até mesmo de ações nacionalistas de governos. **4.** Legado de governança, que envolve o planejamento de múltiplos setores da sociedade, parcerias público-privadas, entre outros. **5.** Legado de conhecimento, que envolve a capacidade de expansão dos conhecimentos em treinamento, capacitação de pessoal, desenvolvimento de comportamento voluntário, transferência de conhecimentos de outros países, geração de estudos e pesquisas sobre o evento e de forma a fomentar o esporte, entre outros.

Para fins do que se busca alcançar neste artigo, pretendemos buscar um apoio ainda da cobertura midiática, mais notadamente do jornalismo, na construção de um sentido para o conceito de legado para os megaeventos esportivos, a partir da experiência nacional com a realização desse grande encontro desportivo continental. Cabe também informar que optamos também por um

---

<sup>7</sup> Holger Preuss, professor da Universidade de Mainz, Alemanha, é uma das maiores autoridades do mundo em estudos sobre megaeventos e legado esportivo.

<sup>8</sup> O artigo foi traduzido no Brasil no contexto de preparação para o Seminário sobre Megaeventos e Legados, realizado no Rio de Janeiro, em maio de 2008. Texto integral consultado em 30/05/2008. Veja material em: <[http://www.confef.org.br/arquivos/texto\\_introducao\\_seminario\\_megaeventos.pdf](http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf)>.

olhar qualitativo sobre a cobertura do Pan Rio 2007, destacando documentos jornalísticos fundamentais para resgatar o caminho feito pela mídia impressa, mas sem a preocupação de recortar formalmente um período ou mesmo um veículo de comunicação. Por isso podemos, ainda que brevemente, apontar que dar conta do que foi proposto aqui implica, inevitavelmente, em aprofundar os estudos sobre como a mídia de massa<sup>9</sup> cobriu o evento e qual é o “esboço histórico” ou, melhor, a produção de sentido gerada sobre o Pan Rio 2007.

Partimos aqui da teoria de que o trabalho desenvolvido pelo jornalismo é como um “esboço da história”, uma primeira versão dos fatos que, posteriormente, serão refletidos e re-significados pelos historiadores e especialistas de áreas afins ao tema. Além do papel na construção da história, esse relato midiático de um evento também é importante na produção da opinião pública sobre ele, ou melhor, na produção do sentido sobre o que foi o evento para o público geral. Para Landowski (1992: 10-11), diferentemente do que se estuda em escolas de jornalismo, os veículos de comunicação constroem a “realidade” a partir de interações com seus públicos no plano do discurso e é justamente daí que se dá o sentido das coisas do mundo, através da mídia. A importância disso, no caso deste artigo, está na constatação de que o que saiu no jornal ganhou ares de “verdade” sobre a realidade dos Jogos Pan-Americanos, ou seja, gerou a realidade construída na mídia, como já apontamos.

### 3. Rio 2007: percurso midiático

Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 já fazem parte da história do esporte brasileiro. O percurso midiático dessa construção histórica é o que mais interessa aqui, pois esse evento impõe-se inegavelmente como a grade referência nacional em organização de megaeventos esportivos. É importante lembrar que, antes dessa competição, as últimas atividades desportivas de porte realizadas em solo nacional foram a Copa do Mundo de 1950 e o Pan-Americano de 1963, em São Paulo.

Os XV Jogos Pan-Americanos, que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro em julho de 2007, foram definidos em 2002. Naquela ocasião estavam em disputa algumas candidatas, mas a cidade norte-americana de San Antonio, localizada no Texas, era tida como a favorita. No dia da definição da cidade-sede, 24 de agosto, *O Globo* questiona: “Vai dar zebra no Pan?”. Na reportagem, o jornal explica que, como a cidade de San Antonio era a favorita, a escolha do Rio de Janeiro seria “uma façanha, já que jamais uma cidade dos Estados Unidos perdeu tal disputa”. Pois foi o que aconteceu. No dia seguinte, a *Folha de S.Paulo* destaca na capa do caderno de esportes: “Pan-2007 será no Rio – Após 39 anos, país garante a organização de um evento esportivo de porte, primeiro passo para realizar seu projeto olímpico em 2012”<sup>10</sup>. O que é interessante, nesse momento, é que a

---

<sup>9</sup> “Mídia de massa” aqui entendida como o conjunto de veículos de comunicação de amplo alcance e que envolve os principais jornais, veículos de TV, rádio e internet. Contudo, ressaltamos que o objeto deste trabalho é o jornalismo impresso, notadamente jornais e revistas.

<sup>10</sup> A cidade do Rio de Janeiro perdeu essa disputa ainda na primeira fase, sob a alegação de falta de condições infraestruturais. A ganhadora foi a cidade de Londres. Mas é interessante notar que fazer do Pan-Americano um trampolim para as Olimpíadas sempre foi um objeto central na estratégia dos organizadores do evento.

realização do Pan já era vista como um trampolim para uma busca ainda maior, que é a de fazer da cidade (e do país, por consequência) uma sede olímpica.

Nos primeiros anos após essa definição, as poucas reportagens que abordavam o assunto eram mais focadas no otimismo com a conquista do feito. Mas, com o passar do tempo, os veículos vão trazendo outras pautas para a cobertura da organização do Pan, a partir dos problemas no planejamento do evento. Em 16 de outubro de 2004, a *Folha* sentencia: “Metrô não sairá do papel, e Rio-07 vai andar de ônibus”. Um aspecto relevante é que já no texto há uma remissão direta ao conceito que perseguimos neste artigo: “Um dos principais ‘legados’ do Pan-Americano de 2007 para os cariocas não vai sair do papel”. Surgem pautas que defendem que o projeto proposto estava se distanciando da realidade da organização do Pan 2007.

Com o passar dos meses, os custos do evento mais que quadruplicaram e as obras entraram em um ritmo frenético para ficar prontas antes do início da competição. Muito da cobertura midiática do Pan carioca passou a ser uma contagem regressiva para o começo dos jogos, na contraposição com o andamento das obras. Com isso, surgiram duas linhas de pauta, aqui esquematicamente reduzidas a “será que ficará pronto a tempo?” e “afinal qual será o legado deixado por tão grande investimento?”. Em outro artigo, voltado para a análise da cobertura do Rio 2007, publicado seis meses antes do início da competição, já constatamos que, na *Folha de S.Paulo*, ao longo de janeiro daquele ano, de um total de 16 reportagens publicadas, 14 tiveram os aspectos de organização e negócios do evento como ponto central (GURGEL, 2007: 76-7). O leque de assuntos, que cobre o mês todo analisado, aborda temas variados como segurança pública, a discussão sobre legado e negócios da iniciativa privada no evento.

Apesar das constantes críticas, com a aproximação do evento e a inauguração das arenas, começam a surgir pautas que diluem as críticas com alguns elogios às obras construídas. Em 24 de junho de 2007, o *Estado* abre uma página para mostrar os espaços construídos para o evento. O título “Joias do Pan (Belas e Caras)” dá o tom da reportagem e apresenta o Parque Aquático Maria Lenk, um local que custou R\$ 74,8 milhões. Ainda destaca o Estádio João Havelange, o Engenhão, frisando os gastos de R\$ 400 milhões, e o velódromo (mais R\$ 12 milhões). O texto termina pontuando também a Arena Multiuso, “tesouro” que custou outros R\$ 220 milhões.

Com o início do evento, o tom das reportagens é amenizado e o foco central vai para o espetáculo em vigência. No início dos Jogos, os jornais cariocas colocam “um tom acima” na euforia, quando comparados com os de São Paulo. Em 14 de julho, *O Globo* traz na sua capa: “Emoção, carnaval e vaias na festa do Pan”. A chamada de capa destaca que Lula foi vaiado cinco vezes na cerimônia, mas aborda a grandiosidade da cerimônia de abertura. No dia seguinte, o mesmo jornal crava: “PIB do Pan chega a R\$ 5,7 bilhões”. Na reportagem de destaque no caderno especial, o valor é considerado “impressionante” e é comparado com o PIB de duas cidades cariocas: São Gonçalo, que movimentou naquele período R\$ 5,2 bilhões, e Niterói, R\$ 5,8 bilhões<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Não é o objetivo deste artigo fazer uma análise detalhada do período de realização do evento. Mas, para quem tiver interesse em aprofundar nesse período, informamos que há vários artigos deste autor que podem ser resgatados no banco de *papers* da Intercom (<[www.intercom.org.br](http://www.intercom.org.br)>), abordando o assunto.

No fim do evento, praticamente todos os veículos de comunicação fizeram seus balanços, destacando os resultados esportivos, as medalhas conquistadas. Alguns deram ênfase, ainda, para a organização do evento e o legado para a cidade do Rio de Janeiro e para o esporte nacional. Em 29 de julho de 2007, o *Jornal do Brasil* questiona que os “Jogos chegam ao fim com muito a explicar”. Para esse jornal, parlamentares querem abrir CPI para investigar os gastos de R\$ 3,7 bilhões. O jornal destaca em suas páginas que o “orçamento do Pan ficou quase 800% mais caro do que o previsto há cinco anos”. O *Estado* de 30 de julho de 2007, outro exemplo, comenta na reportagem “Olimpíada, sonho ainda distante” que “observadores aprovam a experiência do Rio na organização do Pan, mas admitem que há muito que fazer para a cidade vencer a corrida na disputa para os Jogos Olímpicos de 2016”. O texto fala dos problemas da organização, em alimentação e venda de ingressos, por exemplo. E, de maneira geral, diz que transporte e poluição são obstáculos para a cidade nas suas pretensões olímpicas.

Nesse mesmo dia, contraditoriamente, o *Jornal do Brasil* ainda crava em manchete principal: “O Melhor Pan da história”. A argumentação da reportagem desse jornal é o resultado final dos atletas, que conquistaram 161 medalhas, sendo 54 de ouro, o que deixou o país em terceiro lugar no ranking. Mas a própria diagramação da capa do jornal faz uma contraposição. A segunda chamada da capa é “Mas no dia seguinte...” E depois dela vem um conjunto de três pequenas notícias da área de cidades, abordando a redução do número de PMs na rua, após o fim do evento, a denúncia sobre a venda de fardas da Força Nacional de Segurança e também o fato de que a “Prefeitura busca competições” para que as arenas construídas para os Jogos não fiquem ociosas. O *Globo*, no mesmo dia ainda, destaca em manchete a seguinte frase: “Cumprimos nossos objetivos”, frase que foi proferida por Carlos Arthur Nuzman durante a cerimônia de encerramento do evento.

#### 4. Resultados oficiais

Além da cobertura midiática do evento, que gera um sentido de sucesso ou fracasso para a opinião pública, outro termômetro pode ser utilizado para entender o legado do Rio 2007: o relatório *Impactos socioeconômicos dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007*, feito pela Fipe, a pedido do Ministério do Esporte. Apesar de não ser um documento independente, já que foi encomendado por um dos órgãos ligados à organização desse evento, o estudo ajuda a iluminar as discussões sobre os megaeventos. O documento diz que o Pan Rio 2007 trouxe vários benefícios para a economia do Brasil e, principalmente, para a do Rio de Janeiro. Dados gerais da pesquisa apontam que a movimentação econômica do evento esportivo superou R\$ 10 bilhões, ante os quase R\$ 4 bilhões gastos pelos órgãos públicos na sua preparação e realização. O relatório (2008: 5) explica que

“Os impactos na economia podem ser, pois, classificados em: a) diretos: incluem aquelas categorias econômicas diretamente afetadas pelas atividades econômicas mobilizadas pelo aumento de gastos públicos e privados; b) indiretos:

impactos resultantes dos efeitos de encadeamento para frente e para trás das compras e vendas intersetoriais, necessárias para atender a demanda final dos gastos adicionais dos setores público e privado; c) induzidos: exprimem-se através das compras realizadas pelos consumidores, empregados diretamente e indiretamente através das atividades econômicas beneficiadas pela expansão dos gastos públicos e privados, decorrentes dos Jogos Pan-Americanos.”

Seguindo a tendência de analisar o impacto econômico dos megaeventos nas mais variadas áreas econômicas, o estudo observou a movimentação em 42 setores da economia e, a partir disso, apontou os impactos socioeconômicos gerados pela operação do Pan em cada área, identificando oportunidades que não existiriam caso o Brasil não tivesse acolhido o evento. Alguns exemplos destacados pelo relatório são as áreas de construção de instalações esportivas, melhoria de infraestrutura urbana, aquisição de equipamentos de segurança e todos os serviços necessários aos Jogos e os outros serviços a eles agregados.

Outro ponto importante do documento é o detalhamento do valor do impacto por setor da economia de acordo com a autoria dos investimentos, ou seja, quando o aporte foi feito pelo governo federal, governo estadual, prefeitura do município do Rio de Janeiro ou, ainda, pelo Comitê Organizador dos Jogos (CO-Rio). Um dado relevante, amplamente destacado pelo relatório, é a informação de que para cada R\$ 1 milhão investido pela organização dos Jogos (União, estado, município e CO-Rio) a economia nacional movimentou R\$ 1,879 milhão. Em outras palavras, os mais de R\$ 3,5 bilhões de aporte dos organizadores induziram a iniciativa privada a injetar outros R\$ 6,7 bilhões nas cadeias produtivas relacionadas aos Jogos e, com isso, provocou movimentação total de R\$ 10,2 bilhões na economia brasileira, já citados. Os setores da economia observados na pesquisa que apontaram maior movimentação em virtude dos Jogos foram a construção civil (13,8%), administração pública (13,4%), comércio (6,6%), aluguel de imóveis (5,8%), agropecuária (5,5%) e refino de petróleo (5,1%). Para os cálculos, os pesquisadores da Fipe utilizaram como base os dados oficiais dos investimentos em infraestrutura e custeio dos Jogos entre 2001 e 2007 – os valores foram corrigidos em novembro de 2008, de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do IBGE.

Um dado também muito interessante e que dialoga diretamente com o conceito de legado é a questão do mapeamento dos impactos por áreas espaciais: o município do Rio de Janeiro, centro de realização do evento, sem dúvida, é o ponto central do processo. Mas há também benefícios para o estado do Rio de Janeiro, no geral, e também para o restante do Brasil. Segundo o relatório, os efeitos positivos do Pan não se limitaram ao estado do Rio de Janeiro, já que mais da metade da produção (55,9%) e dos empregos (60,38%) gerados pelo evento esportivo beneficiou pessoas que moram além das fronteiras do estado fluminense. A mesma percepção vale para o fato de que quase metade da massa salarial (49,3%) e dos impostos indiretos arrecadados (52,4%) também foi obtida fora do centro nevrálgico do evento.

Não é difícil entender essa dinâmica dos impactos econômicos dos setores.

Em escala nacional, o destaque foi o setor agropecuário, com ganhos de R\$ 244,4 milhões; o setor e pelo menos outros dois a ele relacionados (beneficiamento de produtos de origem vegetal e abate de animais) atingiram percentuais de quase 99% do impacto fora do Rio. No interior do estado fluminense foram concentrados praticamente 75% dos efeitos totais dos gastos no setor de petróleo e gás, com um lucro na ordem de R\$ 49 milhões. Para a cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana, os melhores desempenhos foram nas atividades econômicas que atuavam diretamente nos Jogos. Um caso emblemático é a área de construção civil e serviços, por causa da construção das arenas e da infraestrutura necessária para a realização do evento. Por causa disso, o estudo aponta que o município do Rio recebeu o impacto de R\$ 1.138.398 na área de obras de construção civil, ou seja, cerca de 80% do total.

Outro aspecto importante foi o da geração de empregos. A pesquisa fala em “vertiginoso crescimento do número de postos de trabalho no período”, com destaque para a área de construção civil. Para explicar isso, o relatório afirma que a medida econômica utilizada para aferir o impacto foi a Equivalência Homem por um Ano (EHA), já que se trata de empregos gerados por um projeto temporário e também por ser um evento com uma natureza distinta de outros setores econômicos. Sendo assim, a EHA representa a soma das horas e das remunerações de trabalho temporárias e definitivas criadas para organizar e executar o Pan e aponta que o Rio 2007 gerou uma força de trabalho equivalente a 178.955 pessoas trabalhando por um ano nas cadeias produtivas envolvidas em sua organização. Sendo que somente na cidade do Rio de Janeiro foram criadas 55.139 vagas, além de 9.535 na região metropolitana e 6.213 no interior do estado do Rio. Segundo o estudo, foram criadas 108.068 vagas no restante do país para dar conta das atividades demandadas para a organização do evento.

Um ponto importante do documento também é o estudo sobre os impactos econômicos dos Jogos Pan-Americanos na cadeia de turismo (idem: 26):

“Os turistas de outros estados e estrangeiros têm um gasto total bem mais elevado que os turistas da região metropolitana e do resto do estado do Rio de Janeiro, não apenas por participarem em maior número, mas também por apresentarem gastos médios mais elevados; os turistas de outros estados brasileiros gastaram 78% do total geral, enquanto os turistas estrangeiros foram responsáveis por 17% do total.”

A Tabela 2 apresenta um resumo dos impactos dos gastos de turistas durante a realização dos mesmos jogos<sup>12</sup>:

---

<sup>12</sup>Segundo o estudo aqui em análise, os dados indicados na tabela 2 são consistentes com informações do relatório *Estudo sobre movimentação econômica dos visitantes nos XV Jogos Pan-Americanos*, também feito pela Fipe, em 2008.

**Tabela 2 – Resumo dos impactos dos Jogos Pan-Americanos – efeitos totais de gastos dos turistas durante a realização dos eventos, por origem**

	Origem			
	Estado do Rio de Janeiro		Outros estados	
	Região metropolitana	Resto do estado		
Gastos totais (R\$)*	4.335.256	3.011.390	110.089.199	23.917.583
Produção (R\$)	11.946.827	8.312.589	301.348.373	65.416.340
Valor adicionado (R\$)	5.702.979	4.132.889	145.017.314	31.919.013
Massa salarial (R\$)	1.679.910	1.319.123	41.743.867	9.386.108
Emprego (equivalente-homem-ano)	346	289	8.688	1.993
Arrecadação de impostos diretos (R\$)	384.633	249.985	9.311.178	1.985.918

Fonte: FIPE (2008).

Por fim, o relatório da Fipe aponta alguns itens, aqui sintetizados (idem: 29-31):

1. “(...) expansão da produção, da renda, do mercado de trabalho e da arrecadação fiscal, provocada pelos gastos públicos e privados adicionais resultantes dos Jogos Pan-Americanos, dependeu das estruturas de demanda final e da produção das economias nacional, regional e local, assim como da legislação tributária em vigor no país”;

2. “Quanto maior o grau de interdependência produtiva e quanto menor o grau de vazamentos nos fluxos de produção e de renda de um nível espacial para outras regiões, maiores serão os valores dos efeitos multiplicadores”;

3. “Os impactos dos gastos espalharam benefícios de emprego, renda e tributos para todas as quatro categorias espaciais dimensionadas; em todas as situações, contudo, os maiores impactos ocorreram para o ‘resto do país’”;

4. “Os novos investimentos de infraestrutura econômica e social decorrentes dos Jogos Pan-Americanos irão, certamente, ampliar a competitividade sistêmica das atividades produtivas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, por meio da redução dos custos gerais de urbanização e pela ampliação das economias de aglomeração; como consequência, expande-se o produto potencial da região”;

5. “Sem uma adequada articulação entre esses projetos de investimentos e as diferentes atividades produtivas locais, é grande a chance de que os seus

benefícios fiquem encravados setorialmente; um fator determinante desse processo de articulação é o grau de empreendedorismo local para aproveitar as novas oportunidades de negócios que emergem com a implantação dos investimentos”.

## 5. Rio 2007-2016: Aproximações

O evento Rio 2007, que já nasceu para ser, após a sua realização, a ponte para a “Olimpíada brasileira”, tende a seguir essa trilha, passando a ser referência para novos megaeventos em pauta. Vejamos alguns exemplos dessa tendência: a revista *Época* de 30 de julho de 2007 trouxe em destaque a reportagem: “Por que o Pan deu certo”. No texto, reforçava: “Com belos estádios, disputas emocionantes e público vibrante, os Jogos empolgaram o país. O sucesso aumenta a chance de o Brasil sediar as Olimpíadas em 2016”. Os problemas de organização, nessa reportagem, são minimizados; com textos como esse, o Pan 2007 passa a ser o balizador do sonho de o Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos. O texto afirma que os fantasmas das obras atrasadas não afetaram o evento e que “pequenas falhas” – como os problemas na arena de beisebol – “não ofuscaram o brilho dos atletas, a emoção das competições e um clima de paz e confraternização que durou duas semanas”.

Ainda em 19 de setembro de 2007 a *Folha de S.Paulo* destaca o relatório do COB apresentado ao COI para defender a candidatura do Rio à sede das Olimpíadas: “Rio-16 propõe assumir abismo social”. Segundo o jornal, “Prefeitura elabora relatório sugerindo candidatura para agradar aos votantes do COI e até admitir a miséria da cidade”. No texto, é enfatizado: “Aproveitar as belezas naturais, o sucesso do Pan e o povo acolhedor. Esses são três pontos sugeridos por um relatório (...) além das obviedades, o documento traz um aspecto que sempre foi posto à margem pelos organizadores das postulações. ‘Assumir as desigualdades sociais (...) demonstrando as ações reais de mitigação dessa realidade’, diz um trecho”.

Mesmo com o distanciamento temporal do assunto Rio 2007, os jornais ainda mantiveram eventual acompanhamento posteriormente, em momentos importantes. Dentro disso, dois momentos destacam-se: um deles é a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, o que ocorreu no dia 31 de outubro de 2007. O resultado foi comemorado entusiasticamente pelos jornais, mas sempre com ressalvas<sup>13</sup>. No *Estado*, um caderno especial traz de maneira mais direta as perspectivas para o evento: “Estimativa de receita: US\$ 10 bi – Economistas internacionais dizem que mundial será benéfico ao país”. Na mesma página, um pequeno artigo do ministro do Esporte, Orlando Silva Jr, faz uma rápida relação da Copa com o Pan 2007: “A Copa no Brasil serve ao

---

<sup>13</sup> Em *O Globo*, por exemplo: “A Copa é nossa – Agora, só faltam os aeroportos, as rodovias, os trens, os metrô, os estádios. E Pelé”. A referência ao maior jogador de futebol de todos os tempos deve-se à sua ausência na cerimônia de oficialização brasileira, por motivos políticos de divergência com a CBF. Em destaque, em um caderno especial, o jornal afirma que “Mundial vai custar, no mínimo, US\$ 6 bilhões”. Na *Folha*, o destaque foi para o impacto político do evento: “Nacionalismo marca volta da Copa ao País após 57 anos”. A carência de infraestrutura volta à cena, mas sob aspectos nacionais, visto que o mundial de futebol afeta dezenas de cidades.



esforço de incluir o país no circuito político internacional. O sucesso dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos do Rio de Janeiro nos deu visibilidade e credibilidade”.

Para entender a construção do legado a partir da cobertura do Rio 2007, quase um ano após a realização do evento, vejamos outro exemplo. Em 29 de maio de 2008, o *Estado* relembra o Pan para falar das expectativas brasileiras de o Rio ser uma das cidades classificadas para a fase final de escolha da sede para as Olimpíadas de 2016. A chamada “Governo e COB têm cifras diferentes – Candidatura custa R\$ 100 mi, diz; entidade fala em R\$ 70 mi” retoma as primeiras reportagens sobre o Pan, ilustrando que, ainda sobre o aspecto orçamentário, os grupos participantes do Comitê Organizador não se entendem. O texto cita: “Isso (a contradição orçamentária) num momento em que as contas dos Jogos Pan-Americanos, também realizados no Rio, em 2007, ainda nem foram aprovadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU), mas relatórios apontam diversas irregularidades”<sup>14</sup>.

Em 4 de junho de 2008, a *Folha* lembra: “Rio aposta em Pan, PAC e pesquisa por Jogos-16”. O jornal ainda acrescenta que, “segundo o COB e governo, cidade mostrou que pode organizar grandes eventos”. A reportagem cita uma fala do ministro do Esporte, Orlando Silva Jr: “Com o Pan, isso (a dúvida sobre a capacidade) foi superado”, e mais: “Falar ‘posso organizar uma Olimpíada’ é uma coisa, mostrar com a organização do Pan que temos condições de fazê-lo é outra. Dizer que ‘podemos garantir a segurança’ é uma coisa, mostrar isso no Pan é outra”. No dia seguinte, a *Folha* traz na capa: “Rio é um dos finalistas na escolha da sede da Olimpíada de 2016”.

Pouco mais de um ano depois, em setembro de 2009, com a aproximação da data de definição da cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016, o assunto volta a ganhar força na cobertura dos veículos de comunicação, novamente com um enfoque no legado, nas possibilidades que a Olimpíada geraria para a cidade do Rio de Janeiro, o que vamos discutir a seguir. Como já foi dito no início deste artigo, é sabido que a cidade do Rio de Janeiro conquistou o direito a ser sede dos Jogos Olímpicos de 2016 em uma disputa acirrada com Madri, Tóquio e Chicago, em evento realizado na Dinamarca, no dia 2 de outubro de 2009.

O contexto e os argumentos que permitiram à candidatura brasileira chegar à vitória podem render muitos outros estudos. Para fins do que se busca aqui, neste estudo, vamos focar no relatório da FIA chamado *Estudo de impactos socioeconômicos potenciais da realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro* (FIA, 2009), amplamente explorado pela cobertura midiática durante a disputa e depois da confirmação da conquista dos Jogos Olímpicos de 2016. O documento (idem: 2) aponta que

“conclusão geral do relatório é a de que os gastos públicos e privados adicionais, decorrentes da iniciativa dos Jogos Olímpicos a serem realizados eventualmente no Rio de Janeiro, em 2016, irão provocar efeitos multiplicadores

---

<sup>14</sup> No segundo semestre de 2009, notícias veiculadas na mídia dão conta que o TCU aceitou as argumentações do Ministério do Esporte e arquivou o processo sobre supostos desvios de recurso no Rio 2007.

amplios e diversificados nos vários níveis espaciais de regionalização adotados. Estes impactos estão quantificados em termos de expansão da produção, do valor adicionado, da massa salarial, da arrecadação de impostos e de emprego. As estimativas do estudo sugerem que deve ser de interesse da sociedade brasileira dar apoio à concepção e à implementação de uma iniciativa desta envergadura.”

O horizonte apontado nesse relatório é 2027, sendo que o período de dez anos entre 2017 e 2027 é apontado como suficiente para a eliminação de efeitos sazonais, o que pode aferir a consolidação do cenário econômico-social após a passagem do megaevento esportivo, segundo o estudo da FIA. Em números gerais, o relatório trabalha, como base de cálculo, o valor de US\$ 14,4 bilhões nominais (R\$ 28,8 bilhões), valor estipulado no dossiê de candidatura do Rio. Esse total está assim distribuído no projeto olímpico: US\$ 2,8 bilhões (ou R\$ 5,6 bilhões) para a estrutura do Comitê Organizador, e US\$ 11,6 bilhões (R\$ 23,2 bilhões) em recursos públicos e privados para a infraestrutura necessária aos Jogos. Ainda:

“O estudo aponta que a injeção de US\$ 14,4 bilhões nominais (ou US\$ 12 bilhões em valores de 2008) na realização dos Jogos Olímpicos vai gerar um multiplicador de produção de 4,26 que proporcionará uma movimentação na economia brasileira de US\$ 51,1 bilhões (R\$ 102,2 bilhões se considerada a paridade cambial prevista no dossiê) no período de 2009 a 2027. Isso significa que para cada dólar investido nos Jogos a iniciativa privada injetaria outros US\$ 3,26 nas cadeias produtivas associadas ao evento. No período de 2009 a 2016 o impacto na produção (Valor Bruto de Produção) do país será de US\$ 24,6 bilhões (R\$ 49,2 bilhões). Já no período de 2017 a 2027, será de US\$ 26,5 bilhões (R\$ 53 bilhões), sempre levando em conta os investimentos previstos de US\$ 14,4 bilhões e a paridade de dois reais para um dólar.”<sup>15</sup>

Pela análise dos consultores da FIA, os resultados mostram que a produtividade dos investimentos com os Jogos Olímpicos é ampliada no longo prazo. À medida que o projeto amadurece, os ganhos de produtividade tornam-se maiores porque, pela lógica das métricas adotadas, há complementaridade entre os investimentos nos Jogos e pode haver atração de investimentos privados para os negócios associados à cadeia produtiva. Um dado relevante é que foram identificados 55 setores da economia que mais poderão se beneficiar com a realização do megaevento. Entre eles, os setores com maior movimentação em virtude dos Jogos seriam: construção civil (10,5%), serviços imobiliários e aluguel (6,3%), serviços prestados a empresas (5,7%), petróleo e gás (5,1%), serviços de informação (5%) e transporte, armazenagem e correio (4,8%) – itens que dialogam com o estudo da Fipe para o legado do Rio 2007. Em síntese, ainda, “a estimativa

---

<sup>15</sup> O texto completo do release distribuído pela assessoria de imprensa do Ministério do Esporte, abordando o relatório, pode ser visto no site: <[http://www.atletasdobrasil.com/novo/exibenoticia.php?noticia\\_id=5539](http://www.atletasdobrasil.com/novo/exibenoticia.php?noticia_id=5539)>. Uma versão condensada do texto de divulgação do relatório pode ser encontrada no site oficial do Rio 2016: <<http://www.rio2016.org.br/pt/Noticias/Noticia.aspx?idConteudo=1033>>.

de impacto no PIB do Brasil é de US\$ 11 bilhões (R\$ 22 bilhões) no período de 2009 a 2016, enquanto que no período de 2017 a 2027 será de US\$ 13,5 bilhões (R\$ 27 bilhões)”, como revelado à imprensa, via nota oficial.

Um ponto importante do estudo é a questão da geração de emprego e renda a partir do megaevento olímpico. Os resultados mostram crescimento do número de postos de trabalho no período, sobretudo na construção civil. Os aportes de US\$ 14,4 bilhões resultariam em 120.833 pessoas contratadas direta e indiretamente ao ano, entre 2009 e 2016, e 130.970 pessoas, ao ano, entre 2017 e 2027. As métricas são semelhantes às do relatório da Fipe, analisando a Equivalência Homem por um Ano (EHA), que representa a soma das horas (pagas) de trabalho (temporário e permanente) criadas para organizar e realizar os Jogos. O relatório menciona ainda a arrecadação de impostos, alegando que o conjunto de investimentos geraria até 2027 uma arrecadação tributária adicional para os governos municipal, estadual e federal equivalente a 97% dos investimentos previstos para os Jogos. A Tabela 3 apresenta um resumo da projeção da FIA quanto aos impactos dos Jogos Olímpicos de 2016.<sup>16</sup>

**Tabela 3 - Resumo dos impactos do Rio 2016, em %, a partir de projeção da FIA**

<b>Fase</b>	<b>Local</b>	<b>PIB</b>	<b>VBP (Valor Bruto de Produção)</b>	<b>Salário</b>	<b>Emprego</b>
Período antes e durante os Jogos Rio 2016 2009-2016	Rio	53,6	46,0	52,0	53,3
	Resto do país	46,4	54,0	48,0	46,7
	<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Pós-Jogos Rio 2016 2017-2027	Rio	62,4	59,5	46,8	41,9
	Resto do país	37,6	40,5	53,2	58,1
	<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Total	Rio	58,4	53,0	49,1	46,9
	Resto do país	41,6	47,0	50,9	53,1
	<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: FIA (2009).

## 6. Considerações finais

Neste artigo, enfatizamos a discussão sobre o legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, tanto a partir do estudo do relatório final, produzido pela Fipe, quanto pela análise de reportagens que se propuseram a discutir os impactos que o evento deixou para a cidade-sede. Por acreditarmos que esse evento regional somente fez sentido dentro da sua estratégia maior – e que acabou se mostrando bem-sucedida, com a conquista do direito de ser sede de uma Olimpíada –, optamos por fazer um diálogo dele com o processo de construção da campanha do Rio 2016.

<sup>16</sup> Tabela síntese dos resultados do Relatório da FIA, divulgada no release do Ministério do Esporte, para uso na imprensa.

Em linhas gerais, o que pudemos verificar é que, com o Rio 2007, a pauta esportiva foi contaminada positivamente por conceitos como o de legado do esporte e o da preocupação com a cobertura dos aspectos políticos, econômicos e sociais dos megaeventos esportivos – aspectos que, na sociedade atual e dos megaeventos espetaculares de importância global, se tornaram tão relevantes quanto a preparação de atletas e os resultados obtidos pelas performances nas competições. Além disso, não podemos ignorar que esse aprendizado pode fazer a diferença na organização e no acompanhamento da preparação da Copa de 2014 e da Olimpíada de 2016. Até mesmo a cobertura da campanha para definição da cidade-sede dos Jogos de 2016 já teve essa tônica: a da importância de se entender o legado que um evento de porte pode deixar para a cidade e para o país. O que se observa é que, após o Pan Rio 2007, cresceu a cobertura jornalística do universo sociopolítico e econômico do esporte, ou seja, da importância de se buscar entender esses megaeventos esportivos sob a perspectiva do legado que eles podem deixar para o país e a cidade-sede.

Por fim, acreditamos que – para além do papel da mídia na cobertura da organização e produção dos impactos dos megaeventos esportivos –, após o Pan Rio 2007 e com a confirmação da Copa de 2014 e da Olimpíada de 2016, as duas no Brasil, os gestores do esporte nacional, em nível público e privado, terão uma grande oportunidade para colocar em ação conceitos de governança, melhores práticas e responsabilidade social, para fazer desses eventos grandes oportunidades que contribuam para o desenvolvimento econômico e social do país. A constatação de que há sentido em produzir relatórios de projeção para os impactos desses megaeventos na sociedade e, principalmente, de prestação de contas desses grandes eventos, ao lado de uma imprensa mais preparada para entender essa complexidade, gera uma grande oportunidade para contribuir para que esses megaeventos cumpram o seu destino e ajudem o Brasil a alcançar um novo patamar no ranking civilizatório.

## Referências bibliográficas

BOURG, J-F.; GOUGUET, J-J. *Economia do Esporte*. Bauru: Edusc, 2005.

DACOSTA. L.; RODRIGUES. R.; PINTO. L.M.M.; TERRA. R. *Legado dos Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte e Confef, 2008.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO (FIA). *Estudo de impactos socioeconômicos potenciais da realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro em 2016*. 2009.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS (FIPE). *Impactos Socioeconômicos dos Jogos Pan-Americanos*. 2008.

GURGEL. A. *Futebol S/A: A Economia em Campo*. São Paulo: Editora Saraiva. 2006.

\_\_\_\_\_. Os Jogos Pan-Americanos na mídia impressa: breve análise da cobertura

econômica do Rio 2007. In: MARQUES, J.C. *Comunicação e Esporte – Diálogos Possíveis*. Coleção NPs # 7, Intercom. São Paulo: Artcolor, 2007, p. 64-80.

\_\_\_\_\_. O papel da mídia na construção do legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007: Análises pós-evento. In: RODRIGUES, R.; PINTO, L.M.M.; TERRA, R.; DACOSTA, L. *Legado dos Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte e Confef, 2008, p. 489-492.

HEINEMANN, K. La Repercusión Económica del Deporte: Marco Teórico y Problemas Prácticos. *Revista Digital EFDeportes*, ano 7, n.º 43, Buenos Aires, dez 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd43/econom.htm>>. Acesso em: 2 out 09.

\_\_\_\_\_. *Introducción a La Economía del Deporte*. Barcelona: Editorial Paidotribo, 1998.

KASZNAR, I.; GRAÇA FILHO, A.S. *O esporte como indústria – solução para a criação de riqueza e emprego*. Rio de Janeiro: CBV, 2002.

LANDOWSKI, E. *A Sociedade Refletida*. São Paulo: Educ e Pontes, 1992.

POYNTER, G. Estudos Urbanos – De Pequim a Bow Bells. Texto do London East Research Institute cedido ao Seminário de Megaeventos e Legado Rio de Janeiro, mai 2008. Disponível em: <[http://www.confef.org.br/arquivos/texto\\_introducao\\_seminario\\_megaeventos.pdf](http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf)>. Acesso em: 30 mai 08.

STOTLAR, D.K.; DUALIBI, C. *Como desenvolver planos de marketing esportivo de sucesso*. São Paulo: Ideia e Ação, 2005.

TUBINO, F.M.; GARRIDO, F.A.C. *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte*. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2007.